Índice

Rumo ao primitivo 11

A lei do bastão e da dentada 23

O despertar da fera 35

O líder da matilha 53

O trabalho nos trilhos e nos arreios 65

Por amor de um homem 83

O som do apelo 99

«Erguem-se velhos anseios
nómadas, contra a corrente do
hábito; de novo, do seu sono
brumoso, desperta a estirpe feroz.»

Rumo ao primitivo

Buck não lia jornais. Se os lesse, saberia os problemas que estavam para vir, não só para ele, mas para todos os cães como ele – de músculos fortes, grandes e peludos – de Puget Sound a San Diego, na costa do Pacífico dos Estados Unidos. Tudo porque os homens tinham encontrado, no meio da escuridão do Ártico, um metal amarelo. Tudo porque essa descoberta fez a fortuna das empresas de navegação e transporte. A notícia espalhou-se e levou milhares de outros homens até essas terras geladas. Esses homens queriam cães, e os cães que eles queriam eram cães grandes, de músculos fortes, que pudessem trabalhar e servir de agasalhos para os proteger do frio.

Buck vivia numa grande casa beijada pelo sol em Santa Clara Valley, no Sul da Califórnia. O lugar do juiz Miller, era assim que se chamava. Uma casa afastada da estrada, meio escondida por entre as árvores, através das quais se podia entrever a ampla e arejada varanda que corria ao longo das suas quatro paredes. Chegava-se à casa através de caminhos de cascalho, entrançados por longos e extensos relvados e sob as ramas entrelaçadas dos altos álamos. Nas traseiras, as coisas ganhavam uma dimensão ainda maior do que na frente. Havia estábulos enormes onde uma dúzia de moços das cavalariças e outros rapazes falavam sem pa-

rar, filas de casas de criados forradas por trepadeiras, um conjunto infinito, mas ordenado, de anexos, vinhas que nunca mais acabavam, pastos verdejantes, pomares e plantações de grão. E lá estava, também, a bomba do poço de água, e o grande tanque de cimento onde os filhos do juiz Miller davam os mergulhos matinais e se refrescavam nas tardes quentes.

Buck era o dono desta enorme propriedade. Aqui ele tinha nascido; aqui ele tinha vivido os quatro anos da sua vida. Sim, era verdade, havia outros cães – tinha de haver outros cães numa propriedade tão grande –, mas esses não contavam. Iam e vinham, residiam nos canis populosos, ou levavam vidas obscuras nas zonas escondidas da casa. Eram os casos de *Toots*, o cãozinho japonês, ou de *Ysabel*, a cadela mexicana sem pelo. Estranhas criaturas. Raramente punham o nariz fora da porta ou saíam para a rua. Depois, havia os *fox terriers*, uns vinte pelo menos, que, do lado de fora da janela, protegidos pelas criadas armadas com vassouras e espanadores, latiam terríveis ameaças contra *Toots* e *Ysabel*. Mas *Buck* não era nem cão de casa, nem cão de canil. O reino inteiro era dele. Mergulhava no tanque-piscina ou ia caçar com os filhos do juiz; escoltava Mollie e Alice, as filhas do juiz, nos longos passeios ao entardecer ou logo de manhãzinha; nas noites de inverno deitava-se aos pés do juiz à frente da lareira crepitante da biblioteca; levava os netos do juiz às costas, rebolava com eles na relva, e vigiava-os durante as perigosas aventuras na fonte do pátio das cavalariças, e até mais longe, junto das cercas dos cavalos e das plantações de grão. Por entre os *terriers*, ele caminhava de forma imperial e, quanto a *Toots* e *Ysabel*, era como se não existissem. Ele era o rei. O rei sobre todas as coisas rastejantes, trepadoras e voadoras no lugar do juiz Miller, pessoas incluídas.

O pai dele, *Elmo*, um são-bernardo de grande porte, tinha sido a companhia inseparável do juiz, e *Buck* considerava justo seguir-lhe as pisadas. Não era tão grande como o progenitor – pesava apenas sessenta e três quilos –, porque a mãe era uma cadela-pastora escocesa. Mesmo assim, aos sessenta e três quilos, juntava-se a dignidade que advinha de uma boa vida e de um respeito geral, e isso permitia-lhe apresentar um porte imponente. Gozava, desde a infância, de uma vida de autêntico aristocrata saciado. Tinha um tremendo orgulho nele próprio, um pouco egoísta até, coisas que, por vezes, acontecem aos senhores do campo devido à sua situação insular. *Buck* salvou-se a ele próprio de se tornar num mero cão de casa mimado. O gosto pela caça e pelo ar live manteve-o esbelto e forte; o gosto pela água, próprio da raça, e os banhos gelados serviram de tónico e conservaram-lhe a saúde.

E assim era *Buck* no outono de 1897, quando a descoberta do Klondike arrastou homens de todo o mundo até ao Norte gelado. Mas *Buck* não lia os jornais, e não sabia que Manuel, um dos ajudantes do jardineiro, era um conhecido indesejável. Manuel tinha um grande defeito: adorava jogar na lotaria chinesa. E, no jogo, tinha uma grande fraqueza: fé no sistema; e isso era ruína certa. Para se jogar num sistema é preciso dinheiro, e o salário de um ajudante de jardineiro não dava sequer para as necessidades da mulher e dos filhos. Na noite da traição de Manuel, o juiz encontrava-se numa reunião da Associação de Vinicultores, e os rapazes estavam ocupados na organização de um clube de atletismo.

Ninguém o viu, a ele e a *Buck*, sair pelo pomar, no que o segundo imaginava ser um mero passeio. E, com exceção de um homem que ali estava sozinho, ninguém os viu chegar ao pequeno apeadeiro conhecido como College Park. Este homem falou com Manuel, e entre eles tilintou dinheiro.

– É costume embalar-se a mercadoria antes de a entregar – disse o estranho, com maus modos, e Manuel enrolou uma corda robusta à volta do pescoço de *Buck*, debaixo da coleira.

– Torce-a e sufocá-lo-ás o bastante – disse Manuel. E o estranho grunhiu com uma pronta resposta afirmativa.

Certamente que este não era um ato comum, mas o cão tinha aprendido a confiar nos homens que conhecia e a dar-lhes crédito por terem uma sabedoria superior à sua. Porém, quando viu as pontas da corda nas mãos do estranho, *Buck* reagiu com um rosnar ameaçador. Apenas quis mostrar o seu descontentamento e, no seu orgulho, acreditava plenamente que expressar um desejo era mandar. Mas, para surpresa do cão, a corda apertou-se à volta do pescoço e cortou-lhe a respiração. Num gesto de raiva, *Buck* lançou-se para cima do homem, mas o estranho antecipou-se, agarrou-o pela garganta e, com um empurrão, arremessou-o de costas. A corda partiu-se sem dó nem piedade, *Buck* lutava em fúria, a língua a sair-lhe de boca e o peito a arquejar em vão. Nunca na sua vida tinha sido tão maltratado, e nunca tinha estado tão zangado. As forças começaram a faltar, os olhos estavam vidrados, faltava-lhe também a consciência na altura em que o comboio chegou e os dois homens o atiraram para dentro de um vagão.

Quando recuperou, aos poucos, do desmaio, sentiu a língua dorida e o chão aos solavancos.

O silvo rouco de uma locomotiva ao aproximar-se de um cruzamento não lhe deixou dúvidas sobre o sítio onde estava. *Buck* tinha viajado vezes suficientes com o juiz para saber qual a sensação de andar num vagão de carga de um comboio. Abriu os olhos e com eles veio a raiva incontida de um rei que é raptado. O homem estava ali por perto e tentou agarrá-lo pela garganta; *Buck* foi mais rápido e, num golpe certeiro, cravou os

dentes na mão do estranho. Não soltou até não resistir a uma série de golpes e perder novamente os sentidos.

– Sim, ele tem uns acessos – disse o homem, enquanto escondia a mão ferida do bagageiro, que tinha sido atraído até ali pelos barulhos da luta.

– Vou levá-lo ao meu patrão, em Frisco. Há um veterinário lá que diz que o pode curar.

Mais tarde, num barracão, nas traseiras de uma taberna no porto de São Francisco, o homem foi mais eloquente do que nunca para ele próprio.

– Eu só recebo cinquenta por isto – resmungou – e não voltaria a fazê-lo por menos de mil, dinheiro fresco.

Tinha a mão ligada com um lenço ensanguentado, e as calças da perna direita estavam rasgadas desde o joelho até ao tornozelo.

– E quanto é que o outro tipo recebeu? – perguntou o taberneiro.

– Cem! – respondeu o homem. – E não aceitou um tostão a menos, juro por Deus.

– Isso faz cento e cinquenta – calculou o taberneiro –, e ou ele vale isso ou eu sou um idiota.

O raptor tirou as ligaduras e olhou para a mão ferida.

– Se eu não ficar com raiva…

O taberneiro interrompeu e riu-se:

– … será porque nasceste para morrer na forca.

– (…)

– Vá, ajuda-me lá antes de te ires embora.

Atordoado, com dores insuportáveis na garganta e na língua, meio sem vida, *Buck* tentou enfrentar os agressores. Mas foi derrubado e esganado vezes sem conta, até eles conseguirem retirar a coleira de bronze que trazia ao pescoço. A corda foi removida e o cão atirado para dentro de uma espécie de jaula.

E ali ficou deitado durante toda a noite, cansado, a curar a raiva e o orgulho ferido. *Buck* não percebia o significado daquilo tudo. O que é que estes estranhos homens pretenderiam dele? Porque é que o mantinham preso nesta jaula tão apertada? Ele não sabia porquê, mas sentia-se angustiado pela vaga sensação de uma desgraça iminente. Muitas vezes, durante a noite, se levantou quando ouvia a porta do barracão a abrir-se, na esperança de ver o juiz ou os rapazes, pelo menos. Mas dava sempre de caras com o rosto inchado do taberneiro, que lhe aparecia com a luz desfalecida de uma vela de sebo. E, em cada uma destas vezes, o ladrar feliz que sai da garganta de *Buck* era substituído por um rosnar selvagem.

O taberneiro acabou por deixá-lo em paz e, de manhã, quatro homens entraram no vagão e pegaram na jaula. «Mais agressores», pensou *Buck*. Tinham um ar maldoso, andrajoso e desleixado; e o cão virou-se contra eles, enraivecido, por entre as grades. E eles só se riam. Riam e atiçavam-no com paus, que *Buck* logo desfazia com os dentes até perceber que aquilo era o que eles queriam. Deitou-se no chão, taciturno, e consentiu que tirassem a jaula do vagão. E, então, *Buck* e a grade onde estava preso começaram a passar por muitas mãos. Os balconistas da estação de comboios encarregaram-se dele e despacharam-no para um outro vagão; um camião cheio de caixas e embalagens transportou-o até a um navio a vapor; daqui saiu para um armazém ferroviário, até, finalmente, ser depositado num expresso. Este arrastou-se durante dois dias e duas noites, na cauda de locomotivas guinchantes; e, durante dois dias e duas noites, *Buck* não comeu nem bebeu. Rosnou com raiva aos primeiros avanços dos mensageiros do comboio, e eles retaliaram com provocações. Quando ele se atirava contra as barras, a tremer e a espumar-se, riam-se dele e gozavam-no. Rosnavam e ladravam como cães odiosos, miavam, batiam

os braços e cacarejavam. Era tudo muito idiota, ele sabia-o. E, quanto mais sofria atentados à dignidade, mais a raiva crescia e crescia. Ele nem se importava tanto com a fome, mas estava a sofrer com a falta de água, o que fazia com que aumentassem os níveis de cólera, quase febris. E, como era muito emotivo e sensível, os maus-tratos, por acaso, provocaram-lhe febre, um estado agravado pela inflamação da garganta e da língua, que estavam secas e inchadas. Contentava-se com uma coisa: já não tinha a corda ao pescoço. Isso tinha dado aos inimigos uma vantagem injusta. Mas, liberto, ele iria enfrentá-los, mostrar-lhes como era. Nunca mais lhe colocariam uma corda no pescoço. Isso era ponto assente.

Durante dois dias e duas noites, *Buck* não comeu nem bebeu; e, durante esses dois dias e duas noites de tormento, acumulou um fundo de raiva que não augurava nada de bom ao primeiro que fizesse pouco dele. Os olhos inundaram-se-lhe de sangue e *Buck* transformou-se num demónio enraivecido. Estava tão mudado, que nem o próprio juiz o teria reconhecido; e os mensageiros do comboio respiraram de alívio quando o descarregaram em Seattle. Quatro homens carregaram a jaula com toda a cautela do vagão para um pequeno pátio rodeado de muros altos. Um homem robusto, que vestia uma camisola encarnada que se dobrava consideravelmente no pescoço, apareceu e assinou o registo de entrega. Este homem, previa *Buck*, iria ser o próximo agressor, e ele atirou-se violentamente contra as barras. O homem reagiu com um sorriso ameaçador e foi buscar um machado e um bastão.

– Não vais tirá-lo daí agora? – perguntou o condutor.

– Claro! – disse o homem, enquanto começava a destruir a jaula com o machado. Os quatro indivíduos que o tinham transportado até ali afastaram-se de imediato, e foi já em plena

segurança, empoleirados no cimo do muro, que se prepararam para assistir ao espetáculo. *Buck* precipitou-se até à madeira estilhaçada. Mordia, puxava, lutava com ela. Onde quer que caísse o machado do lado de fora, ele lá estava, no lado de dentro, a mostrar os dentes e a rosnar, tão furiosamente ansioso por sair como calmamente determinado estava o homem da camisola encarnada em deixá-lo sair.

– Agora, seu diabo de olhos vermelhos… – disse o homem, quando conseguiu garantir uma abertura suficiente com passagem para o corpo de *Buck*. Ao mesmo tempo, deixou cair o machado e passou o bastão para a mão direita. E *Buck* era mesmo um diabo de olhos vermelhos, pela forma como preparou o salto, de pelo eriçado, a boca a espumar, e um brilho enlouquecido nos olhos inundados de sangue. Lançou-se direitinho ao homem nos seus sessenta e três quilos de fúria, acrescidos do desespero reprimido de dois dias e duas noites. Estava em pleno voo, já pronto para cerrar as mandíbulas no homem, quando recebeu uma pancada que o suspendeu no ar. Os dentes bateram uns contra os outros numa dor agonizante. O corpo rodopiou e estatelou-se de costas no chão. Nunca em toda a sua vida tinha sido atingido por um bastão, e não compreendia o que era aquilo. Com um rosnar, meio ladrar, meio grito, já estava outra vez de pé, e lançou-se sobre o homem. E surgiu novamente uma pancada a atirá-lo contra o chão. Desta vez sabia que era o bastão, mas a loucura dele não tinha limites. Voltou à carga em mais onze tentativas, tantas quantas o bastão conseguiu anular. Depois de um golpe particularmente mais forte, ergueu-se com dificuldade, abalado de mais para atacar. Cambaleou, com o sangue a escorrer pelo nariz, pela boca e pelos ouvidos, o pelo, o lindo pelo, salpicado e manchado por saliva ensanguentada. O homem aproximou-se e, deliberadamente, aplicou-lhe um assustador golpe no nariz. Toda a dor

pela qual ele tinha passado em nada era comparável à extrema agonia que sentia neste momento. Com um rugido parecido com o do leão em toda a sua ferocidade, atirou-se de novo ao agressor. No entanto, o homem, depois de mudar o bastão da mão direita para a esquerda, apanhou-o por debaixo do maxilar, ao mesmo tempo que o torceu para baixo e para trás; *Buck* descreveu um círculo completo no ar, e metade de outro, antes de bater no chão com a cabeça e com o peito. Foi o último ataque de *Buck*. O homem utilizou o golpe astuto que tinha guardado de propósito o tempo todo; o cão levantou-se e logo tombou, sem sentidos.

– Não é nada mau a domar cães, não senhor – disse um dos homens pendurados no muro, cheio de entusiasmo.

– O Druther come *cayuses* todos os dias, e duas vezes aos domingos – afirmou o condutor, enquanto subia para o camião e provocava os cavalos.

Buck começava a recuperar os sentidos, mas não as forças. Continuava deitado onde tinha caído, e dali viu o homem da camisola vermelha.

– Chama-se *Buck* – comentou o homem para ele mesmo, ao ler a carta do taberneiro na qual este declarava o envio da jaula e do conteúdo.

– Bem, *Buck*, meu rapaz – prosseguiu, com uma voz cordial –, tivemos o nosso pequeno confronto, e o melhor que temos a fazer é esquecer tudo. Aprendeste o teu lugar, eu sei qual é o meu. Sê um bom cão e tudo correrá bem, sem problemas. Se fores um mau cão, dou-te uma sova das antigas. Entendido?

Enquanto falava, acariciava, sem medo, a mesma cabeça que violentara sem misericórdia, e, apesar de o pelo de *Buck* eriçar, de forma involuntária, a cada toque da mão, ele aguentou sem resistir.

Quando o homem lhe trouxe água, bebeu sequiosamente e, mais tarde, devorou uma deliciosa refeição de carne crua, pedaço a pedaço, da mão do homem.

Tinha sido derrotado (ele sabia disso), mas não quebrara. Percebera, de uma vez por todas, que não poderia vencer um homem com um bastão. Tinha aprendido a lição, que nunca iria esquecer para o resto da vida. Aquele bastão fora uma revelação. Era a iniciação no reino da lei primitiva e *Buck* era um bom aprendiz. A vida adquiria um lado feroz que, enfrentado sem qualquer dúvida ou receio, despertaria a astúcia latente da sua natureza. Com o passar dos dias, outros cães foram chegando, em gaiolas ou pelas pontas de cordas, alguns mais dóceis, outros a rosnarem de raiva tal como ele chegara. Um após outro, todos passaram pelo domínio do homem da camisola encarnada. A cada repetição daquele espetáculo brutal, *Buck* interiorizava melhor a lição: um homem com um bastão era dono da lei, um dono a quem não se podia recusar obediência, mas sem que houvesse, necessariamente, reconciliação. Neste particular, *Buck* nunca se rebaixou, embora tivesse visto cães a serem espancados que bajulavam o homem, abanavam as caudas, e lhe lambiam a mão. Uma vez, viu um cão, que não lhe obedecia nem o bajulava, ser morto na luta impiedosa pelo poder.

De vez em quando, chegavam outros homens, estranhos, que falavam com o da camisola encarnada cheios de entusiasmo, cheios de falinhas mansas, enfim, em todo o género de tons. E, nas vezes em que trocavam dinheiro, os estranhos levavam sempre um ou mais cães com eles. *Buck* interrogava-se para onde iriam esses cães, porque nunca regressavam; o medo sobre o futuro era maior e mais forte, e ele ficava satisfeito de cada vez que não era selecionado.

Porém, a altura dele acabou por chegar, na forma de um pequeno homem carregado de rugas, que cuspia um inglês mascavado e soltava exclamações estranhas e rudes.

– *Sacredam!* – exclamou o homem, assim que viu *Buck*. – Este é que é um cão valente! Quanto custa?

– Trezentos. E é dado – foi a resposta pronta do homem da camisola encarnada. – E, uma vez que é dinheiro do Governo, não tens a nada a perder, pois não, Perrault?

Perrault sorriu. Tendo em conta que, com a procura descontrolada, o preço dos cães tinha subido em flecha, não lhe parecia exagerada a soma pedida por um animal com tão boa aparência. O Governo canadiano não ficaria a perder, nem os seus despachos circulariam mais lentamente. Perrault percebia de cães e, assim que olhou para *Buck*, sabia que este era único, um em mil. «Um em dez mil», pensou.

Buck viu dinheiro a passar entre os dois, e não ficou surpreendido quando ele e *Curly*, um simpático cão terra-nova, foram levados pelo pequeno homem carregado de rugas. Foi assim a última vez que viu o homem da camisa vermelha; e foi no convés do *Narwhal*, com *Curly* e com Seattle a afastar-se, que viu pela última vez as terras quentes do Sul. Perrault pegou nos dois cães e entregou-os a um gigante negro chamado François. Perrault era franco-canadiano e moreno; mas François era franco-canadiano, mestiço e duas vezes mais moreno. Era uma nova espécie de homens para *Buck* (que estava destinado a ver muitos mais), e, embora não tivesse desenvolvido por eles algum tipo de afeição, aprendeu a respeitá-los. Rapidamente percebeu que Perrault e François eram homens justos, calmos e imparciais na administração da justiça, e demasiadamente conhecedores de cães para se deixarem enganar.

No *Narwhal, Buck* e *Curly* juntaram-se a outros dois cães. Um deles era um grande e branco companheiro de *Spitz*bergen, que fora levado pelo capitão de um baleeiro e, mais tarde, acompanhara uma expedição geológica até às Terras Estéreis. Era amigável, mas, de certa forma, traiçoeiro: sorria enquanto pensava nalgum truque. Por exemplo, logo na primeira refeição, roubou

a comida de *Buck*. Assim que este saltou para o castigar, o chicote de François antecipou-se e estalou sobre o culpado; nada mais restou a *Buck* do que recuperar o osso. Concluiu que François tinha sido justo, e o mestiço começou a subir na consideração de *Buck*. O outro cão não aceitava nem fazia qualquer tipo de aproximação, nem sequer tentava roubar as refeições dos recém-chegados. Era um tipo sombrio, taciturno, e desde logo mostrou a *Curly* que tudo o que queria era que o deixassem em paz e que haveria sarilhos caso fosse incomodado. Chamava-se *Dave*, comia e dormia, bocejava de quando em vez, e não tinha interesse por nada, nem mesmo quando o *Narwhal* atravessou o estreito da Rainha Carlota, onde o barco balanceou de cima para baixo, de um lado para o outro, e curvou-se como uma coisa possuída. *Buck* e *Curly* estavam excitadíssimos, e com um pouco de medo também, mas *Dave* só levantou a cabeça, chateado; brindou-os com um ar indiferente, bocejou, e voltou a dormir.

Dia e noite o navio vibrava com o incansável impulso da hélice. Cada dia era igual ao anterior, mas era evidente para *Buck* que o tempo estava a ficar mais frio. Até que, numa manhã, com a hélice em silêncio, o *Narwhal* foi invadido por um ambiente de excitação. *Buck* sentia, tal como os outros cães, que se avizinhava uma mudança. François colocou-lhes as trelas e levou-os para o convés. Ao primeiro contacto com a superfície fria, as patas de *Buck* afundaram-se em algo branco e macio, muito parecido com lama. Recuou num salto enquanto rosnava. Havia mais daquela coisa branca a cair do ar. Sacudiu-se, mas aquilo voltou a cair por cima dele. Cheirou-a com curiosidade, depois lambeu ligeiramente com a língua. Picava como o fogo, mas depois logo passou. Isto confundiu-o um bocado. Tentou outra vez, com o mesmo resultado. As pessoas à volta riam às gargalhadas, e ele sentiu-se envergonhado, não sabia porquê. Era a primeira vez que via neve.